

## APRESENTAÇÃO

# CENÁRIOS DA VIDA URBANA: IMAGENS, ESPAÇOS E REPRESENTAÇÕES

Não há como ignorar hoje um grave problema relativo às identidades urbanas. Um dos sintomas mais flagrantes desse problema se revela na idéia, largamente difundida, de fragmentação do tecido da cidade. As sociedades urbanas estariam se apresentando cada vez mais sob uma forma disjuntiva, cada parcela se percebendo como dissociada do resto. A forma predominante de compreensão da morfologia urbana é agora construída como um conjunto de diversos e diferenciados segmentos, associados por simples justaposição. Há, sem dúvida, uma dificuldade fundamental para produzir imagens federadoras e o resultado desse processo é a dificuldade de gerar concepções unitárias das cidades. A falta dessas imagens reforça as compreensões particularizadas e a disjunção se agrava por força desse mecanismo que impede uma concepção que possa dar unidade e coerência global às cidades. De fato, desde os anos 90, a concepção das cidades estruturadas como mosaicos, a exemplo de Los Angeles nos Estados Unidos, tem tido uma larga audiência. Esse processo é bastante descrito nas grandes metrópoles, mas não é inteiramente estranho às outras cidades de menor porte, de onde podemos concluir que se trata de uma leitura mais ou menos generalizada. Dentro dessa perspectiva, os novos tempos pós-modernos nos conduziriam quase inexoravelmente a esse destino. A pluralidade, o respeito às diferenças e a preocupação em estabelecer uma política de equidade entre diferentes e diversas comunidades que se abrigam nas cidades estão na base dessa concepção. Há, assim, uma afirmação de valores que se pretendem positivos e respeitosos e, dessa forma, justificados nessa transformação das condições da vida urbana.

Tudo isso, no entanto, não pode mascarar o fato de que a afirmação desses valores tem como contrapartida redefinir, e muitas vezes dificultar, a vida

em comum. As cidades continuam a ser, de qualquer forma, compostas desses espaços onde exercitamos a difícil arte da convivência. Elas são, sem dúvida, reunião de espaços de múltiplas trocas e circuitos: econômicos (mercado), socioculturais (modelos de sociabilidade, sistemas de significação), políticos (conflitos e regras) e comunicacionais (ruas, serviços, cabos de comunicação etc.). Elas são também o resultado de múltiplos tempos espacializados, de variados usos e atividades e de diferenciados domínios espaciais (público e privado, sagrado e profano, individual e coletivo etc.). Produzir uma identidade urbana significa dar alguma unidade a essa multiplicidade, ou seja, produzir sentido dentro da variedade de ações e práticas sociais que ocorrem dentro desse vasto quadro de possibilidades oferecido pelo espaço urbano. Lógico que o desafio maior talvez seja o de encontrar imagens pelas quais todo esse universo possa estar representado. Muitas vezes observamos, no entanto, o privilégio de aspectos ou de tratamentos que se impõem sobre outros, isto é, um processo de simplificação e limitação das significações possíveis.

A cidade é um álbum de imagens obtidas de variados pontos de vista e só essa multiplicidade pode ser de alguma forma representativa e geradora de identidades. A valorização das diferenciações comunitárias e o processo concomitante de segmentação espacial interpelam assim diretamente o sentido mesmo de cidade e de urbanidade. Que tipo de coexistência é possível, sobre que espécie de estruturação físico-espacial? Quais são os tipos e limites da coabitação? Quais são as unidades identitárias mínimas a considerar, indivíduos, grupos ou comunidades? Como gerir e planejar esses espaços urbanos face às tendências ao esfacelamento? Como entender os novos conflitos territoriais urbanos entre grupos que são identificados às áreas fragmentadas dentro da cidade e a emergência de reivindicações de secessão. Todas essas questões vêm gerando muitas e bastante vivas inquietações nas ciências sociais que tem por objeto de reflexão fundamental a cidade.

Ao introduzirmos aqui a idéia de cenário, procuramos chamar a atenção para a dupla dimensão dessa dinâmica que pretendemos analisar e compreender: uma dimensão física e uma dimensão comportamental. Constatamos que, em português, cenário indica o conjunto de elementos que criam o lugar onde ocorre uma ação dramática. Já em francês, a mesma palavra, *scénario*, corresponde à trama ou ao desenvolvimento previsto de um conjunto de ações, como uma seqüência de planos de uma montagem de uma peça ou de um filme, seu enredo ou argumento.

Percebemos assim a diferença fundamental: em português, a palavra indica a dimensão material, os lugares fisicamente constituídos, figurados ou configurados para determinadas ações; em francês, ela indica a organização de uma narrativa, em uma trama de eventos, ações ou comportamentos. Ao que parece, na Renascença, a palavra italiana *scenario* traduzia essas duas dimensões: a física, como um arranjo material de objetos em uma dada configuração, e a imaterial, como conjunto de ações ou comportamentos ressignificados e requalificados pela orientação relativa a esses planos locacionais.

Nossa intenção, a partir do conceito de cenário, é reconectar a dimensão física às ações, ou ainda, associar os arranjos espaciais aos comportamentos e, a partir daí, poder interpretar suas possíveis significações.

Os cenários da vida pública são assim, concomitantemente, os lugares onde se celebra a vida urbana e a linguagem pela qual se identifica um tipo de urbanidade particular. O que pode, no entanto, acontecer quando a localização e/ou a natureza desses lugares mudam? Parece-nos que há simultaneamente um movimento de mudança na própria identidade urbana que se opera. Assim, as imagens da vida urbana mudam com o quadro espacial; os gêneros de urbanidade e os personagens que desfilam, simbolizando um gênero de vida, mudam eles também. Podemos dizer que, de certa forma, atravessando todas essas questões está a noção de identidade territorial urbana. Certo que ela é chamada a intervir na reflexão de múltiplas maneiras, porém, o fato de essa noção ter implicações diretas sobre o plano político e sobre o plano físico-espacial, lhe confere uma capacidade aguda para interpretar esse tipo de dinâmica acima descrita. Acreditamos assim que a análise dessa imagem identitária urbana e de sua operacionalização pode ser uma importante chave para trazer alguns elementos de resposta a essas inquietações em torno das novas dinâmicas urbanas. Todavia, não devemos nos contentar com um tratamento conceitual; mais importante ainda é perceber que talvez seja também sobre o espaço concreto nas cidades que os problemas de coexistência, de fragmentação, de identidade sejam colocados de forma mais expressiva e contundente.

Quase todas as cidades possuem certos espaços que são privilegiados em relação aos outros. Às vezes, uma praça, jardins, um conjunto de ruas, um cruzamento de avenidas, pouco importa o modelo em sua origem, esses lugares concentram significações, são densos de sentidos, atraem o público e simbolizam a cidade. Esses lugares colaboram de forma fundamental na construção

de imagens da identidade de cada cidade e sobre eles ocorre a cenarização da vida pública. Eles são assim, concomitantemente, os lugares onde se celebra a vida urbana e a linguagem pela qual se identifica um tipo de urbanidade particular.

Dessa forma, há uma outra dimensão fundamental que atua nos espaços, absolutamente necessária para que eles se ativem como espaços de comunicação e coexistência: a da significação. A importância dessa dimensão, aliás, aparece claramente nas políticas de comunicação que têm a cidade como elemento central. Acreditamos que essa dimensão da significação se estruture através de um recurso narrativo que traduz valores e significados em composições e arranjos de imagens espaciais. A vida pública é cenarização. Isso não quer dizer que haja uma distância entre o real e o imaginário, ao contrário. A cidade sob o ponto de vista defendido aqui é composta por um corpo social, submetido a certas regras de coabitação, estabelecido sobre um espaço que condiciona e qualifica as ações sociais e, finalmente, é essa esfera da significação que dá sentido e atribui valores aos objetos e às ações que aí têm lugar. Chamaremos esse conjunto de ações e objetos emanados destas três esferas – política, espacial e da significação – de “cenário”. Queremos, a partir dessa denominação, ressaltar o caráter absolutamente interativo dessas três dimensões na construção da vida pública – chamamos de cenário, pois não há independência dessas esferas do sentido que por elas circula. Lugares, sentidos e práticas sociais têm que ser pensados juntos. O espaço da cidade é assim o resultado da articulação dessas três esferas e podemos talvez, a partir daí, compreender melhor como e por que alguns deles são mais ou diferentemente valorizados. Compreendemos também essa dinâmica como motor de identidades. As mudanças na forma como pensamos uma cidade significam então uma transformação de sentido que deve ser acompanhada de uma mudança de lugares ou da imagem deles.

Percebemos que, muitas vezes, essa imagem identitária tem sido objeto de compreensões que tendem a restringir o sentido a uma única significação. Essa simplificação pode ser parte de uma estratégia para criar uma marca, um estilo e, a partir daí, tirar alguns benefícios dessa monotematização. O turismo e a competição entre cidades comumente têm feito apelo a esse tipo de estratégia. A segregação e o isolacionismo, no entanto, também encontram nessa simplificação uma via conveniente. O pós-modernismo, em grande parte, aprisiona o sentido de um espaço na apreciação do sentido “comunitário” daqueles que

ocupam majoritariamente um espaço. A concepção da identidade é mais ou menos prisioneira do sentido comunitarista nesse formato. Todas essas dinâmicas têm efeitos muito complexos e, por vezes, muito sutis, e demandam, para interpretá-las, uma atitude bastante aberta para reconhecer elementos nem sempre valorizados na análise. Acreditamos que, através da idéia de “cenário”, possamos analisar com simultaneidade imagens, espaços e práticas sociais espacialmente orientadas.

Os textos que se seguem são todos, direta ou indiretamente, inspirados nessas idéias reagrupadas aqui sob a denominação de “cenário”. Eles articulam sempre as três esferas que intervêm no espaço: espacial, política e da significação. Procuram compreender o processo através do qual certas associações são feitas entre determinados espaços e certas significações e como esses espaços e suas dinâmicas passam a “representar” a cidade ou partes dela. Todos tratam, portanto, de aprofundar o estudo do papel das imagens e analisar suas relações com a materialidade física do espaço e suas implicações na vida política na atualidade.

Ainda que sejam assim constituídas de um eixo comum, todas as contribuições aqui reunidas possuem originalidade e profundidade analítica, pois são também produto de projetos individuais de pesquisa.

Por fim, dois aspectos são importantes de serem sublinhados. O primeiro aspecto é a grande variedade de suportes sobre os quais essas questões análogas foram trabalhadas: filmes, cinema, videogames, histórias em quadrinhos, intervenções urbanas pelo planejamento, manifestações, atos políticos etc. Todos eles foram tomados como suportes de narrativas que têm uma base espacial e colocam em jogo valores e sentidos.

O segundo aspecto importante é que os autores não interpretam da mesma maneira o papel das imagens ou ainda não as lêem da mesma forma. Isso quer dizer que, apesar de partirem de um tema comum, não há o perigo do empobrecido consenso das interpretações que variam em superfície e depois concluem em monocórdia conformidade, mesmo porque, em geral, partem de explicações estabelecidas de forma *a priori*. Perspectivas diferentes e mesmo divergentes podem ser encontradas sobre diversos pontos nos textos aqui apresentados. O debate é assim um ingrediente garantido e espera-se, com essa iniciativa de publicar esses resultados, sensibilizar e estender a um número cada vez maior de colegas essa discussão de tão grande importância.

Este conjunto articulado de contribuições jamais teria sido possível sem a ajuda das agências de fomento e apoio à pesquisa.

Agradecemos especialmente à CAPES e à COFECUB (França) que, através de um acordo, possibilitam a colaboração estreita e muito proveitosa entre equipes de pesquisa do Brasil e da França e dentro do qual a maior parte desses artigos são produto e testemunha.

Agradecemos ao CNPq que financia, através de bolsas de Produtividade em Pesquisa, três projetos de pesquisa desenvolvidos por grupos de pesquisa que se envolveram ativamente na produção destes artigos.

Agradecemos ainda o apoio da FAPERJ vindo através do programa “Cientistas do nosso Estado” do qual os professores Paulo Cesar da Costa Gomes e Iná Elias de Castro são beneficiários.

Agradecemos, por fim, aos editores da Revista Cidades pela oportunidade da publicação destes textos em forma de coletânea, o que possibilita uma maior integração na discussão do tema através de um necessário diálogo e cooperação entre diversos pesquisadores e garante a difusão dos recentes desenvolvimentos que vêm sendo realizados.

Paulo Cesar da Costa Gomes  
Vincent Berdoulay